

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro

Class.: Índios / Isolados

Data: 15 de janeiro de 1989

Pg.: 11SR 0023



FUNAI/ Nova Filosofia

Expedição resgata panelas

Habitados a passar longas temporadas no meio da selva amazônica, no trabalho de proteção aos muitos grupos de índios isolados que habitam principalmente o norte do Pará, cinco integrantes da Frente de Atracção da Funai baseada em Altamira (acerca de 500 quilômetros de Belém) estão se preparando para uma missão diferente: percorrer cerca de quase 80 quilômetros, na companhia de vários índios Arara, para recolher diversos utensílios deixados há cinco anos num acampamento habitado pelos indígenas, antes de serem contactados pela Fundação Nacional do Índio.

A excursão pela selva deve ser longa, ainda que para os sertanistas da Funai e, sobretudo para os índios, a locomoção em meio à selva fechada não seja nenhuma novidade. Chefiados por Afonso Alves da Silva — há mais de trinta anos trabalhando com índios — os sertanistas da Funai vão percorrer durante mais de uma semana, de barco e a pé, o longo trajeto que leva de Altamira até o acampamento abandonado, no rio Iriri.

PANELAS E FACÕES

"Neste acampamento devem ter sido deixados dezenas de panelas, facões e outros brindes que os sertanistas deixavam nos Tapiris, quando ainda estavam na fase inicial de contato com os índios que agora pretendem aproveitar esses utensílios", diz o sertanista Fiorello Parise, assessor para índios isolados da 4ª Superintendência Re-

gional da Funai, com sede em Belém, que tem jurisdição sobre os estados do Pará, Maranhão e Território Federal do Amapá.

O estágio inicial de contato dos sertanistas da Funai com índios isolados chama-se "fase de namoro", explica Parise. "É nesta fase, quando é inevitável o contato físico e visual com os índios, que nós deixamos brindes, presentes, em Tapiris armados no meio do mato, na área anteriormente identificada como de perambulação daquele grupo isolado", diz o sertanista.

Os brindes, segundo informa Parise, podem ser tanto as panelas como outros tipos de utensílios que poderão ser aproveitados pelos índios nas suas atividades rotineiras, como é o caso de facões. "A nova filosofia da Funai, no trabalho de proteção e contato dos índios isolados, procura evitar que se deixe brindes que possam descaracterizar a cultura tradicional do grupo. E o caso de missangas, espelhos e apitos, que não têm qualquer utilidade prática, não têm outra função que não a de chamar atenção, despertar a curiosidade do grupo recém-contactado", afirma Fiorello Parise.

SUGESTÕES

Os sertanistas da Funai, nesse intercâmbio silencioso de informações que acontece o efetivo contato, muitas vezes recebem sugestões dos próprios índios. Um dos mais antigos sertanistas, ainda em plena atividade, João Evangelista de Carvalho — que na década

de 40 participou da atracção dos Urubu-Kaapor, no Maranhão — recorda que os próprios índios Arara costumam deixar nos Tapiris os objetos entalhados em madeira que pretendem receber como presentes.

"Se eles querem um facão é deixado um facãozinho de madeira. Se querem um jabuti, os índios deixam um tipo de entalhe que lembra um jabuti. Neste caso, o contato é muito mais fácil", afirma João Carvalho. Mas a reação de cada grupo varia de região para região, considerando-se também os próprios hábitos culturais dos isolados.

No Maranhão, afirma Fiorello Parise, Os Awá-Guajá, talvez a última tribo nômade isolada do Brasil que ainda vive a fase pré-agrícola — correm em desabalada carreira à simples aproximação de brancos. Fiorello tem uma explicação para isso. "O que acontece, neste caso, deve ser o reflexo da situação em que se encontram os índios Guajá, acossados por todos os lados pelas frentes expansionistas que agem na região. São madeireiros e fazendeiros que infestam a área já reservada para esses índios, expondo-os a toda sorte de pressões e tornando-os cada vez mais temerosos da presença de brancos nas terras que imemorialmente ocupam e que, por direito, devem ser asseguradas como o seu habitat natural".

Vivendo a experiência de já terem convivido e ainda conviverem com grupos de índios cuja cultura estava ainda livre de qualquer in-

fluência dos hábitos e costumes da sociedade branca, Fiorello e João Carvalho fazem questão de desmistificar a imagem de violento, selvagem e antropófago que uma grande parte da população brasileira ainda faz dos índios, sobretudo aqueles que ainda não foram contactados, mas acham que, de certa forma, ao reter no inconsciente esse temor dos indígenas, os brancos investem com menor ímpeto para invadir suas terras e exterminá-los fisicamente.

FILOSOFIA

Por todos os prejuízos, de ordem física e cultural, que o contato acarreta aos índios é que a consolidou, no ano passado, uma nova filosofia no trabalho das frentes. Criou o Sistema de Proteção ao Índio Isolado, contendo três subsistemas, diferenciados na proposição e composição. Essas equipes, como o próprio nome sugere, são voltadas exclusivamente para identificar a existência concreta dos grupos isolados e situar exatamente a área por onde perambulam, a fim de que a Funai possa interditá-la até que levantamentos posteriores possam levar à demarcação e regularização.

Além dessas equipes de localização, existem as de vigilância — que preservam a integridade da área identificada ou já demarcada, livrando-a de invasões por madeireiros, fazendeiros, garimpeiros — evitando a fatalidade do contato. "E o contato, agora, passou a ser a última alternativa.